

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--1 de Setembro-1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**



Este numero foi visado pela Comissao de Censura

sempre **67**  
**fixe** semana  
humoristica

Alvença  
Ex.º Sr.  
Kol de Alvarenga  
Rua Brito

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E ÓFIC**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# A CEIA DOS CARDIAIS

(A proposito da reconstrução da igreja de Santo Antonio, com cadeiras sobre o «Estoril»)



— Eminencia, o lombo... Não foi nenhuma espada que matou o boi em Alges. Foi um margarefe, no Matadouro. Do toureio nem sequer toleramos o João... NUNCIO!...



## Os ditos da semana



Quando foi da proclamação da Republica, um velho republicano, voluntariamente exilado em Moçambique, porque, pelas suas ideias, não conseguia nem queria colocação do Estado na Metropole, meteu-se pelo mato com duas bandeiras na algibeira — uma azul e branca e outra verde e encarnada — e foi prégar aos pretos a nova fé.

Da monarquia dizia, o moderno apóstolo, o que Mafona nunca disse do toucinho nem do lombo de porco e, como era logico, fazia uma calorosa apologia da Republica. Anatematisando a monarquia que maltratava o preto, que expatriava o preto, que obrigava o preto a pagar impostos, que compelia o preto a trabalhar, apresentava a bandeira azul e branca:

— Eram òs desta bandeira, dizia ele. Isto agora acabou-se, não volta mais. Agora é a Republica quem manda, que não maltrata o preto, que não expatria o preto, que não obriga o preto a trabalhar, nem a pagar impostos. Esta é a sua bandeira.

E alongava-se em substanciaes considerações. No fim da predica, atirava as duas bandeiras para o meio dos pretos e perguntava:

— Qual é a melhor bandeira? Qual preferem vocês?

Os negralhões agarravam-se ás bandeiras, examinavam-nas cuidadosamente, friccionando-as entre o indicador e o pulgar, com o caracteristico gesto com que os brancos escolhem um bom fato de cheviote e concluíam:

— Tudo é fazenda, siô...



Uma descoberta sensacional. Os paineis de São Vicente são de Santa Catarina. O sr. dr.

José de Figueiredo tem de mudar as guardas á fechadura. Agora já nem o Francisco de Holanda lhe vale. S. Vicente, muito envergonhado vai despir a fatiota. Não ha nada mais certo do que o ditado: *quem o alheio veste...*

Ou os paineis ainda representarão São Vicente?

Quem sabe se a hipotese Infante Santo fica ainda de pé? Tanta luta, tanta querela para nada!

O *Sempre Fixe*, que nunca interveio na contenda, tambem quer ter agora um alvitre: Para não se perder a moldura e a respectiva inscripção

que o sr. dr. José de Figueiredo tão gostosamente mandou fazer para o Museu das Janelas Verdes, o Estado, que tem pago tanta coisa, paga mais uns milhares de escudos ao sr. Luciano Freire para pintar um S. Vicente a gosto do sr. dr. José de Figueiredo e fica o caso arrumado. A sala do Museu não sofre alteração. Mantem-se tudo na mesma, apenas com a diferença dos paineis, mas isso não tem importancia. O que é preciso é que haja nas Janelas Verdes um São Vicente qualquer, de contrario o sr. dr. José de Figueiredo teria de mandar quei-

mar o seu livro — *O pintor Nuno Gonçalves*. Era uma massada e cheirava a esturro. Isto não dispensa, é claro, o cortejo processional com que se ha-de fazer a trasladação dos retabulos do lugar onde se encontram para uma sala propria, com brandões acezos, xaramela, arautos e passavantes, ao som daquela musica:

— Catarina vai... Ai! Catarina vai...

E no coice da procissão, mi-trados comõ qualquer Cardeal Alpedrinha, os srs. Alfredo Leal e Henrique Loureiro.

De Cardeal Diabo fará o sr. dr. José de Figueiredo.

## CANTINHO DA RIBALTA

### O TEATRO

1

*Leitoras: velhas, novas, feias, lindas sabeis o que é teatro? Não o creio. O antro onde ha venenos e o receio de que, as desilusões, sejam infindas!*

*Não ha formosas Márcias nem Armindas que, apenas penetrando aquele meio, não percam, das virtudes, o receio não fiquem mais selvagens, que os cabindas.*

*Tem seduções, encantos, atractivos que, até dos proprios mortos fazem vivos e arrancam, aos talentos, o juizo!*

*Tecendo intrigas, tem um riso terno, e, se por dentro, é o mais horrendo Inferno. olhado cá por fóra... é o Paraizo!*

### Apanha Cantinhos.



— Onde vais tu a correr dessa maneira?  
— Vou levar este chapéu a minha mulher antes que passe de moda.



Descobriu-se em Budapest que a pintura dos labios femininos, o *baton rouge* que dá a quem o usa a ilusão de que os outros se deixam iludir, tinha seus quês de corrosivo. Para obviar ao grande mal, propõem-se os proprietarios de restaurantes substituir os guardanapos de linho por guardanapos de papel.

Os homens que não pintam os labios e se pintam por apanhar á mão uma boca feminina para o beijo ardente dos apaixonados, não tinham ainda feito a descoberta. Quando muito, o beijo de uma boca pintada, deixava uma mancha vermelha que se desvanecia facilmente com a ligeira fricção de um lenço. Pelo contrario, a mulher verificou muitas vezes que o beijo de uma boca sem *baton*, imprimia frequentemente uma nodoa que ninguem era capaz de lavar.

Defenderam-se da moda e da vaidade das mulheres os proprietarios dos restaurantes. Assim saibam as mulheres defender-se dos beijos ardentes e corrosivos.

## HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Ahl o senhor é o ultimo sobrevivente de um naufragio. Conte-me como isso foi.

—Eu lhe digo. Quando cheguei ao cais já o vapor tinha partido.



—Eu pedi um bock e isto é uma cerveja grande.

—E' para adiantar trabalho. Eu já conheço os fregueses...



—Então tu não foste para ministro?

—Não. Porque tenho um olho torto, acusam-me de olhar contra o governo.



O barbeiro:—Os negocios vão muito mal. Ando a vê se pôinho um talho.

O freguês:—O quê? Então você pensa em fechar este?...

## TAC-TAC-TAC

# O meu amigo Jacques

Jacques de la - Petiteboule era baixo, nutrido, a pancinha saliente, e tinha na face rubicunda uma expressão vulgar de idiotia. O seu traje era sempre de mau gosto: cores claras, berrantes, mal talhado o jaquetão que, sobre as costas, de gorduchinho que ele era, caía em refregos desongraçados; parecia um saco e as calças andavam sempre á bulha, quando marchava, porque ele tinha as pernas curtas, gordas e tortas. Na lapela trazia uma grande rosa.

Jacques nunca em sua vida abriu a boca que não dissesse grossa parvoíce. Mas, em geral, ora de poucas falas, contentando-se com sorrir, mostrando, assim, uma excrecencia singular que tinha na gongiva. Dessa tal excrecencia é que nasceu o nome que ao de Jacques acrescentou para fazer de nobre secular — de la Petiteboule. E, entre parvoíceada desonxabida e sorrisos alvaros, fumava um grandissimo charuto, cuja ponta mascava, deliciado, babando-se e lançando gafanhotos.

Jacques, no entanto, supôs-se sempre o homem mais elegante e sedutor que Deus deitara ao mundo e, muito convencido, entregara-se ao sport da conquista. Das 3 ás 5, á porta da Marques, e, das 5 ás 7, ao pé das Escadinhas de Santa Justa, Jacques poisava triunfante, dardando os seus olhos piscativos ás bealdades lisboetas que passavam.

E, como era mariola de nascença, gabava-se a miudo de conquistas que jamais conseguira e de aventuras muito ao invés da rude realidade que o prodestinara de ha muito para pato.

Ora, naquela tarde, Jacques assentara arraias devastadores á porta da Marques. Toda a gente o notava facilmente porque, não estando na moda o *chapeu alto*, ele usava um grande na cabeça e puzera uma sobrecasaca asertuada, como se usou em 1905.

—«Já era algum progresso...» — notavam os amigos, recordando que, em 1911, deputado, usava a *redingote* por cima duma casaca, explicando, assim, o nome de *sobrecasaca* que era dado áquelo traje.

Lapin tirava, a miudo, a bolsa recheada de notas de quinhentos, para dar um tostão a algum mendigo e, sobretudo, para mostrar ás femens que tinha *massa*. Chamavam-lhe *O Harmonio* á bolsa magica, com que ele enganara uma hstaira de alto coturno que, por tal, o teve fechado no quarto durante longas 24 horas, até que o resolveu a dar de resgate bem alentados cinco centos de escudos.

Ficou celebre na historia esta anedota, conhecida pelo nome de «Aventura do Jacques e da Marquiza do Verdades e Mentiras».

Voltando á vaca fria, depois do parentesis da marquiza, naquela tarde, Jacques poisava, como eu disse, á porta da Marques, dardando seus olhares incendiarios ás bealdades lisboetas...

Uma delas passou, cujos olhares se trocaram por acaso com os do dito Jacques de la Petiteboule. Este, num repelão de toiro em cio, avançou no seu ar triunfador, tirando largas fumaças do charuto, o cele-

bre charuto de Jacques. A mulher, que era linda sem contestos mas, por acaso, séria como raras, nem notou que a seguia o mal-enjorcado Dou Juan das Dusias. Só quando olhava atenta para a vitrine do Marques é que notou a presença do precipitante, pelo cheiro tonas e ordinario de *patchouli* em que o Lapin tem por habito enfrascar-se.

—Posso oferecer-lhe uma caixinha de amendoas? — perguntou Jacques com voz doce e aflautada.

A mulher deitou-lhe um olhar de desprezo seguiu avante. Jacques foi-lhe no oncalço.

Novamente a mulher parou em frente da montra dum ourives do Chiado.

—Posso oferecer-lhe um anel de brilhantes ou uma *gorgette* em perolas, minha senhora?...

Ela respondeu secamente:

—Sou atre:

E continuou no seu caminho, apressando o passo para vê se cansava o *vieux-marcheur*.

Mas Jacques não cansa nunca mais! Quasi não é um homem; é perdigueiro andarilho e persistente. A cada volta que a mulher fazia, a vê se desnor-teava o bicharóco, dava com os olhos no Lapin ombasbacado, que a seguia sem tregua nem cansaço.

A desditosa elegante já estava tonta. Passou o Rossio e, á esquina da estação, olhou para traz: Jacques seguia-a. Toca a correr para a frente!

Tic-tic-tic, em passinhos miudinhos, a pobre senhora lá se foi de longada até ao elevador da Gloria. Parou; olhou para traz o Jacques lá lhe vinha na cola. Era de perder a cabeça!

Tic-tic-tic, lá vai ela até á *Bijon*. Tac-tac-tac, lá vai o Jacques atraz.

Mal pára á porta da confeitaria, logo lhe ouve a voz roufenha e antipatica:

—Não quer vocelencia uma trouxinha d'ovos?...

Era demasiado. Desnor-teada, a senhora resolve-se a avançar, a avançar sempre até perdê-lo de vista.

Nisto—é surpresa!—depara-se-lhe o *chalet* da Avenida, o *chalet de Madame Aizance*. Logo resolve ali refugiar-se. Ele, com certeza, não irá esperá-la ali...

E entra, aproveita a ocasião para fazer uma necessidade, faz uma paquena *toilette* e, capacitada já de que Jacques partiu, sai alfin da pequena cabine perfumada. A' porta, no voltar-se para a guarda do estabelecimento, mete a mão na bolsinha para lho dar a conveniente esportula. Mas a velha sorri e não aceita nada:

—«Já está pago, minha senhora» — diz a guarda.

—«Como? Mas quem pagou uma coisa destas?»...

Foi então que Jacques, aflorando ao patamar, descobrindo-se, exclamou num largo riso:

—«Fui eu, minha senhora.»

E apresentou-se:

Jacques de la Petiteboule, nm seu criado e cego servidor.

A mulher respondeu:

—«Agora, sim. O seu lugar é aqui»...

**Cirano de Velhofrac.**

## HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



—Então o quê? Já não estás noivo da Julia?

—Eu não.

—Homem, felicito-te. Era uma grande asneira.

—Acabei por casar com ela.



—Sinto muito, visinho, que a minha galinha tenha passado para o seu jardim.

—Não se incomode. O meu cuo torceu-lhe o pescoço.

—Já sei. Acabo de ferrar um tiro no seu cão.



—Em todos os espectaculos do circo ha um domador terido e um espectador com a carteira roubada.

—O quê, é um numero do programa?



—Uma licença de oito dias para quê?

—E' que preciso de comprar um chapéu.



—Ah, maroto, que tornaste a brigar com os visinhos e perdeste os dentes...

—Não os perdi, tenho-os aqui na algiheiro.

# ELEGIA

## dum amor romantico

Amava. Nem sei dizer-te  
quanta ternura me enchia  
o coração, só de vêr-te.  
Tanta que nem eu sabia  
o que havia  
de escolher:  
se viver  
para te amar,  
a toda a luz do dia,  
se morrer  
para esquecer  
a clara luz desse olhar  
que tanto mal me fazia...

Mas um dia,  
e não pude mais suportar  
uma incerteza tamanha,  
Descia mansa a tardinha  
e, sózinha,  
vinhas tu colhendo flores  
no atalho da montanha  
que vai dar á capelinha  
da santa da nossa aldeia.

—Nossa Senhora das Dóres  
me valha—disse—e á ideta  
veio-me um louco pensamento.

Num momento  
abri o peito, arranquei  
cá de dentro o coração  
e gritei:

—Mulher! Mulher! por quem és,  
tem compaixão  
deste amor!...

E exangue,  
num estertor,  
caí, rolando a teus pés,  
toldado, cheio de sangue,  
o peito aberto—tão fraco!...

(Em que estado me puzeste!!!)

... ..  
Tapei depois o buraco  
com a «tampa» que me deste...

Rui.

# O viuvo inconsolavel

Um pobre diabo, lavrador do Norte, enviuvou. Depois de chorar muito a morto da mulher, nos primeiros dias, pouco a pouco ia-se conformando, quando a desgraça lhe bateu de novo á porta.

Destá vez foi a vaca que lhe morreu.

Passaram-se meses e a lamuria não acabava. Os amigos e os vizinhos não o podiam aturar. Aquilo nunca lho passava...

—Escuta, Antonio, disse-lhe um dos vizinhos.—Olha que isso parece mal. Quando morreu a tua mulher, depressa te passou, e agora, por causa da vaca, fazes essa choradeira!... Lembra-te que a tua mulher é insubstituível; olha que, como ela, é difícil de encontrar outra, enquanto que vacas...

—Estás enganado—diz o homem ao vizinho.—Assim que eu enviuei, tomei-me aparecido tantas mulheres que nem tu calculas, e agora, que morreu a vaca, ainda não me apareceu ninguém a oferecer-me nem a fôrta do um... rabo. Por isso é que eu sinto mais a falta da vaca... do que a da mulher.

Querem lunchar bem  
e ceiar melhor?

Vão á ARGENTINA

Rua 1.º de Dezembro, 75

# AMOR E GLORIA

## Autobiografia dum futurista encravado

Os homensinhos, tendo mais consideração por mim do que os édís da Camara tiveram pelo Rossio, deixaram-me inteiro, o que lhes agradeço em nome da Posteridade.

Deram-me, porém, muita pancada. Fui um bombo...

Discursos, então, nem falar nisso! O senador Pais, que vinha á frente do bando, desfechou-me á queimadoura uma alocução, cobrindo-me de flores de retorica e de predigotos sem retorica nenhuma.

E até um cósinho que por ali andava, acorrendo solícito, cheirou-me, alçou a perna e regou-me as calças com champagne marca Grandela.

Foi a minha consagração!  
Céus! Umás calças ás riscas que me tinham custado duzentos mil réis!

Eu ainda quiz vêr se me escapulia aos afagos da multidão, mas fui empurrado por aquela vaga enorme, e, sem saber como, encontrei-me no meu sexto andar da rua dos Bacalhoadores, apoplectico, anachucado, cheio de revolta e rubro de indignação.

Abri a janela do meu quarto e falei ao povo durante meia hora. Atirei beijos á lua e aos meus admiradores.

Quando se extinguiram os últimos ecos das aclamações e os meus amigos debandaram, tive tal ataque de nervos que quasi estrangulei o meu gato, um bichano francês de estimação...

Irra! Não se pode ser idolo!

O silencio, porém, acalmou-me os nervos. As janelas das habitações distantes iam-se apagando, como olhos que o sono fechasse. A cidade dormia. Apenas, de quando em quando, uma tipóia rolava á desfilada, as buzinas dos automoveis davam alarme e os electricos recolhiam aos carbons, com seu tim-tim característico, arripiente...

Lá em baixo, na rua, o guarda nocturno, o grande pirilampo, ron-

dava... No céu, tagarelas, conversavam as estrelas.

A pouco e pouco, deixei-me invadir por um languido torpôr, sentindo-me embalar pela voz dos galos, que cortava o espaço, pelo murmúrio do vento e pelo ronronar de um gato.

E pensava nela, na mulher ideal que eu vira no S. Luis!

Era a honra da concentração das ideias, das permutas dos pensamentos, como dizia Victor Hugo.

Que divinal criatura! Mulher e anjo, eram os seus cabelos louros como os das virgens de Memling, o seu sorriso casto e luminoso como o das figurinhas de Wateau e uns olhos—que olhos!—capazes de tentarem o Amaranth ou S. Diogo, que estupra-va donzelas á meia noite...

Eu todo me enimesmava, concentrava-me todo, julgando que aqueles olhos me espreitavam do Infinito por entre os vitrais da Lua, e, rasgada a musselina azul dos céus, ela vinha descendo, serena e magestosa, e sentava-se junto de mim, a dar-me beijos, a fazer-me bichinhas gatas, dando-me pançadinhas na barriga...

Enlevo d'alma, que o guarda nocturno não deixou durar muito, pois, lá do escuro, numa zoadá forte espavoriu um «passaro» noctívago que lhe batia as palmas:

—Lá vai! Lá vai, ó noitibó!

\* \* \*

Quem tem a alma tranquila não dorme. Levei a madrugada a recordar o passado. Chorei. E atravez das lagrimas, vi-me oriança loira a roubar ninhos de melros, os joelhos esfogados, as faces afogueadas, na herdade do meu avô.

Sim, porque eu, até aos dez anos, vivi na aldeia em companhia do velhote, um homem alto e sêco, de grandes barbas e modos bruscos. O avósinho tinha uma criada que me adorava: a boa Gloria.

(Continua).



— Que me estará ainda reservado ? ! ...

# O ladrão... do sentimento

O advogado de defesa, espetando o dedo indicador na direcção do réu, exclamou:

—O réu sabia que o seu passado o não recomenda. E foi essa convicção quem o colocou em frente da justiça.

O delegado do ministério replica, com amada ironia:

—Não foi uma convicção, mas o roubo duma carteira que o sentou no banco dos réus.

O defensor prossegue, imperturbavel:

—O réu, antigamente, roubava carteiras e mortificava sua pobre mãe com a cinica confissão da sua vida de gatuno, sem, ao menos, lhe dar um centavo para minorar as grandes dificuldades em que ela vivia.

«Resolvou regenerar-se — e entendeu, para isso, que devia roubar uma carteira e dar o que ela contivesse, sem a excepção duma cedula de cinco centavos, afirmando-lhe, ainda por cima, que tinha deixado de ser ladrão!

«Podem acusá-lo dum excesso de sentimentalismo, mas não será isso uma das mais tradicionais virtudes da nossa raça.

Condená-lo equivale a condenar a razão psicologica da nossa existencia racica. Só um tribunal, profundamente desnacionalizado, isto é, um tribunal capaz de entendimentos com a Internacional de Moscovia, um tribunal que nunca tivesse lido os admiráveis artigos do sr. Antonio Fça de Queiroz na Revista Anti-Bolchevista, ousaria fazê-lo.

«Lamento que o juri não escute as minhas palavras — esse juri que preferiu morrer ás mãos do sr. ministro da Justiça a viver pactuando com as iniquidades dum Código Penal, que será cheio de logica — mas duma logica que, por haver nascido na França e na brumosa Inglaterra, nunca conseguiu entre nós aclimatar-se e enraizar-se.»

Findo este discurso, o delegado do ministério publico argue-se, com um sorriso de desdém a charlestonizar-se nos labios.

—Não vai—declara—responder aos argumentos infantis do advogado de defesa, que faltou ao respeito ao tribunal, supondo convencê-lo e emocioná-lo com razões aceitáveis apenas para os negroides do sertão e os naturais da ilha de Java.

Esquecendo, porém, a sua promessa, clama com estranha veemencia:

—Este homem roubava para se furta á dura lei do trabalho honrado. Desta vez roubou para dar á mãe, julgando que assim obteria uma absolvição. Além de que nada prova que ele não viesse a pedir a sua velha mãe o dinheiro que lhe deu. Quem rouba aos estranhos tambem rouba aos seus...

«Peço para o réu, que pretendeu corromper sua velha mãe, fazendo-a viver do dinheiro roubado, o maximo rigor da lei.

O réu, depois de ouvir lér a sentença que o condena a cinco anos de prisão, exclama, perante o espanto do tribunal:

—Estou desgraçado, sr. juiz. Das outras vezes condenavam-me a um ano de prisão. Agora, dão-me cinco. Razão tinha eu quando dizia que isto de ser bom filho acarreta muita despesa e nunca dá bom resultado.

E, voltando-se para o advogado de defesa, grita-lhe, indignado:

—O senhor nunca foi bom filho. Se o tivesse sido, não viria atirar aqui, no tribunal, com o que fiz á cara de minha mãe...

GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações e preços reduzidos

Venda de oleos, gasolina e accesorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, G. E. U. (ao Alco do Cego) Tel. 904 N.



### O dente queixal

A novocaina é um anestésico que serve admiravelmente para o homem deixar arrancar, sem sentir, todos os dentes da queixada, mas este anestésico não serve para crianças, segundo creio.

No entanto, ha excepções. Homens ha que não se conseguem anestésiar, a não ser que meta ajudante, como um caso de que eu tive conhecimento e onde a picada foi dada não para anestésiar mas, sim, para excitar.

Aconteceu que um galego, moço de fretes, endinheirado, durante noites não dormiu por causa de um dente furado, não deixando dormir tambem os seus companheiros da casa da malta.

—Hombré, va al dentista.  
—Y el dinero?  
—Cá hombré!... Para que o queires? Assi no puede ser. Si te duele la muela, la culpa non es nuestra. Mañana, si no la sacas, duermes en la calle.

Diante desta perspectiva, o galego decidiu-se a ir ao dentista. A sala de espera estava cheia de gente. O incomodo freguês chegou e não tardou em que uma senhora abrisse a janela. As caras das clientes torciam-se, não com dores, mas com a essencia concentrada de «padiola» que lhe saía do lenço tabaqueiro, meio metido dentro da bocarna.

Nisto, uma gentil rapariga abriu a porta do consultorio que dava para a sala de espera e disse:  
—Quem se segue?

Os clientes entreolharam-se e nenhum se levantou.

—Vá lá esse senhor—disse uma velha muito enjoadada.—Nós cedemos-lhe a vez...

O galego levantou-se, entrou no consultorio e o ar da ante-camara foi renovado entre risadas e comentarios...

—Sente-se, diz-lhe o dentista, e abra a boca.

O galego, recostado na cadeira articulada, começou por se assustar quando o dentista a inclinou.  
—Doe-lhe muito?

(Aqui o galego deu um ronco afirmativo).

—Isso não é nada, diz-lhe o dentista, ao mesmo tempo que empunhava o ferro.

Acto continuo, a torquês de aço agarrava a corda do dente careado, por sinal que pelo tamanho devia ser imperial, mas, quando do estorcegão e puchão, o bom do galego fechava a boca, mordendo a torquês, ao mesmo tempo que com as mãos posantes se agarrava ao pulso do dentista.

O trabalho era baldado, não só porque o dente não sofria o menor abalo, mas tambem porque a mão do doutor ficava tolhida.

—Mau! Assim não vale—dizia-lhe o dentista.—Quando eu lhe apanhar o dente, não feche a boca nem me agarre nos pulsos.

Esta recomendação para nada serviu porque seis tentativas se fez sem resultado durante uma hora.

A ante-camara ao lado ia esvasiando-se de clientes, por calcularem que naquela tarde não eram atendidos.

O dentista, impaciente, tomou então uma resolução. Em segredo, chamou o criado da limpeza do consultorio, deu-lhe um alfinete e disse-lhe:  
—Fica então assim combinado...

Quando eu lhe meter o ferro na boca e o dente esteja seguro, tu abaxas-te por detrás da cadeira e espetas-lhe o alfinete, com força, no sitio que eu te indiquei, percebeste?

E assim se fez. Na altura propria, o alfinete entrou, o galego largou uma grande exclamação de dor, a boca abriu-se e o dente saiu.

—E então, foi ou não foi?—disse o doutor.

—Foi, foi...—disse o galego, a esfregar o corpo na direcção do fundo da cadeira.—A raiz é que era muito comprida porque o senhor doutor puxou o dente cá em cima e eu senti perfectamente despegar-se a raiz cá em baixo!...

# Sem pés... nem cabeça

(Esboço de revista)

## I QUADRO

A scena representa o Café Chiado. A1 direita, num trôno, perto da entrada, a empregada apanha moscas. Faz um esforço brutal, porque os simpaticos insetos teem medo d'ea vêr e fogem apavoradas:

Zs! zs! zs! zs! zs!

O Gil digere a gerencia a sacrificio. São cinco da tarde.

Chegam dois aviadores: o Viagas e o Larcher, que fazem no Café uma aterragem forçada, cortando um «raid» d' «Garçonnes» no cabeleireiro em frente.

Nisto entra o «compère» (o Antonio Gomes, da Trindade):

—Um café e um copo d'agual

Pouco depois, o criado «cantan...» e o Gomes paga.

Entra agora o dr. da Cunha Dias com o Martins dos Santos.

Um criado curioso para o Eduardo Frias, que bebe um copo de agua de Castelo... Moraes:

—Sempre é verdade que o doutor vai a fundar um jornal? (Sae).

Dois pequenos infelizes bebem Vidago e limpam os dentes com palitos... de la Reine.

Cantam umas coplas e saem. E o «compère» sorri. A orquestra toca uma marcha.

Gualdino Gomes, a uma piada do Vitoriano Braga, entra nos bicos dos pés. Canta... macareno, buscando, entre cumprimentos, a companhia do Alfredo Candido e Alberto Sousa. Este puzo as barbas ao Mario Sulgheiro que, num grito de revolta, apregôa:

—A «Republica Portuguesa»!

Um as piadas, uns comentarios, e saem pela porta central, n.º tantos, para dar passagem ao dr. Julio Dantas.

O quarteto toca:

As «rosas»...

De todo o ano... ao mesmo tempo que o dr. Brito Camacho (!) lava o estomago com um delicioso chá verde... e incarnado nos principios republicanos.

## II QUADRO

Vê-se o jardim de inverno

do Café. O «buticure» anda dum lado para o outro.

—Oh! graçal Oh! graçal

Espalhados por varias mesas, jornalistas e homens de letras... de cambio. A um canto, um doutor em letras... de carimbo.

O «buticure» para o Ivo de Monforte:

—V. Ex.ª «engraxa-se» hoje?

O Ivo, indignado:

—Não, senhor. Não pode ser todos os dias!

No bailado dos desempregados, aparece o Arcadio Matos Silva, o Alvaro Maia, o Lapa, o Baptista Denis e outros, todos protegidos pela direcção do Sindicato. Esperam... a protecção do publico.

## III QUADRO

O Chiado ás 6 da tarde. Costureiras e policiaes que curvam, delicadamente, a espinha d' passagem dos jornalistas e d' apresentação da «Carteira».

Aparece o Mario Quintela. Vem embulhado no «Times»... de Braga. E o Ilidio, que quer ser jornalista, entra para a W. C. com papel para um artigo sobre as belezas plasticas da Humanidade.

A's 6,15 entra o Artur Portela. Lê na «Comédia» uma cronica sua sobre o «Cosido á Portuguesa»—um guisado exquisto, por sinal.

O Miguel, que é o chefe do quadro... tipografico, vai apresentando varios utipos.

Aparece de novo o Alvaro Maia. Vem em 8 recolhido... á disponibilidade forçada.

Entretanto, chega o Sousa Junior, encadernado m vinhatico. O Vasconcelos e Sá paga um café com duas notas... mundanas.

## IV QUADRO

Volta a vêr-se o Café. As figuras do 3.º quadro tomam... posições. A' esquerda, lendo o poema persa «Robaiyat», está o Gomes Monteiro. Do outro lado, os «Inimigos» do Vitoriano. Está muito escura a scena. A empregada apronta-se para sair. Arruma «a mobilian» e sae por fim. Nisto, vem a claridade.

## APOTEOSE!

Luis Figueira.

# Toiro e pescador



—Oh! com mil diabos, agora é o fim da minha vida!...



Os cine-fulanos franceses costumam dizer, enfaticamente, em todas as entrevistas e artigos, que a objectiva duma camera é o olho que tudo vê, nada perdôa e nada esquece. Nada de menos verdadeiro. O pobresinho só vê o que lhe mostram, e nunca lhe mostram nem a terça parte; o mais caloiro encenador mete-lhe um pau pelo unico olho, e ele nada revela e tudo impinge por bom; e, quanto á memoria, o ciclope mecanico nunca lembra nem dos anos de Mary Pickford, nem das sardas e rugas de Mãe Murray, nem do estrabismo de Viola Dana, que um scenario desproporcionado e um supporting cast acima da craveira normal, um intermediario de gaze ou um angulo bem escolhido facilmente fazem desaparecer.

O cinema é uma fabrica de illusões. Os grandes centros exportam illusões a metro, em latas, destinadas a povoar de longos beijos em gros plan os sonhos das meninas foto-histericas. Mas de quimeras se vive, e ninguem tem o direito de procurar destruir com quatro partes sem artificios (?) as doces illusões de muito boa gente.

Foi esta a malevola mi... do documentario As Cidades do Cinema que o Tivoli exhibe. «Filme-traidor, filme-espião, filme indiscreto, ele nos mostra as coulisses do écran, o que se passa tras la pantalla, as ficelles, a trucage, enfim, Penvers du décor»—como diria um estrangeirófilo lusófono que chassee pouco raffiné empregar as expressões: bastidores, trás da tela, cordelinhos, manhas e reverso da medalha, e se quizesse dar um ar cosmopolita, Hobe-grottesco, tresandando a couloir de wagon-lit e a spardeck de steamship.

Quanta desillusão causaram aquelas cruéis revelações! A vida regrada e monotona das nossas estrelas preferidas, dos nosos aventureiros predilectos; a grandiosidade ridicula e mal acabada dos colossos... de pau e papelão, tudo converge para o maior desencanto dos não-iniciados.

O cinema não deve arriscar-se a perder o ambiente de misterio que o distingue no espirito do grande publico; e, se o fizer, não se admire que Paul Souday lhe chame, desde-nhosamente—uma industria.

A um espectador ouviu ou murmurar, entre dentes, sentindo-se vigiarizado com o fragil scenario do Ladrão de Bugdad:

—Ora... pasta!

A Estrela do Casino de Paris uma lástima. Como é verão, não admira: a companhia do celebre teatro da Rue de Clichy deve andar em tournée pela provincia. Só um dos quadros da revista é o que se chama um achado: o da maquina de escrever. Apostava umas corôas como não tarda que o veja numa revista original de Muiitissimos, com musica grafonoriginal e coorncadada...

Os meus parabens no Carlos Abreu por ter compreendido o argumento de Burton George. Este vosso unidade cronista só sabe dizer-vos que aparece o Warwick Ward, no deserto, a imitar o Judas, a Marjorie Dawe, com a ideia genial de se suicidar, a Juliette Compton, improvisada em mulher fatal—todos sabem que os canhões são mortiferos... — e o Clivo Brook, que representa pior desde que foi estrelado, a olhar para as molduras, com olhos de Palha mal-morto, a pedir puntilla.

E' muito anglo-curioso um casamento á consignação que ha no meio da fita.

Jean do Limur e Russel Thorndyke podem limpar a mão á parede.

Retardador.

Sortes grandes? só o PINA as vende 75 — Rua de S. Paulo — 77

# FADO DA RETROZARIA ANCORÁ DA FIGUEIRA DA FOZ

## Mote

*Na Figueira, hoje em dia,  
quem lá fór, repare bem,  
há uma Retrozaria  
onde é bom tudo o que tem.*

## Glosas

Se na Figueira da Foz  
estiveres, assim que topes  
a rua Bernardo Lopes  
e precisares de retroz,  
corre direito e veloz  
á ANCORÁ—retrozaria  
onde há a freguesia  
mais chã, fina e de tom,  
enfim onde tudo é bom  
*Na Figueira hoje em dia.*

Factamente se verá  
uma enorme variedade  
e da maior novidade  
lindos chapéus da T.T.A.  
Coisas lindas que ali há  
não as vende mais ninguém.  
Tudo o que o Ribeiro tem,  
seja onde fór na cidade,  
não tem sequer paridade.  
*Quem lá fór, repare bem.*

Fica avisado o banhista  
que precisar de linó,  
de filofose ou filó,  
ou artigos de perfumista.  
Leques, sombrinhas de vista  
da mais linda fantasia,  
mesmo até camisaria!...  
Por is-o, é bom recordar  
que em frente ao Peninsular  
*Há uma retrozaria...*

Quem lá entrar uma vez,  
mesmo por curiosidade,  
se quizer falar verdade,  
fica sendo um bom freguês.  
Se quizer's um côrte inglês  
da moda, p'ra vestir bem,  
tens alfaiate também.  
Enfim uma *Ideal feira.*  
Só na ANCORÁ da Figueira,  
*onde é tudo bom o que tem!*

## Retrozaria Ancora DE CARLOS RIBEIRO

Sortido completo em todos os artigos  
da sua especialidade

R. Aurea, 260 - LISBOA - Tel. n.º 2849

Pillal na FIGUEIRA DA FOZ - Rua Bernardo  
Lopes, 77, 79, 81

Bairro Novo - (Em frente do Casino Peninsular)



—O que hei-de eu fazer agora  
com a máquina toda escangalhada?  
—Não te afflijas, meu filho; por-  
que eu vou mandar chamar o Her-  
bert Dias, do «Modern Office», que  
a arranja com a maxima rapidez e  
competencia.

# “Uma injustiça”

Drama «urbano» em 3 actos, compreendido por um espectador ignorante

## 1.º ACTO

Descobre-se que a D. Berta de Bivar, ao contrario do que todos supunham, não era esposa do sr. Alves da Cunha, mas sim sua filha. Atraído para o Luís Pinto que, com aquela caracterização, tem mesmo cara de bom marido, e fugira de casa em companhia do Ribeiro Lopes, zeloso empregado duma fabrica de pirolitos esterilizados. Alves da Cunha tem uma neta, filha do Pinto e da D. Berta, que é sobrinha da D. Adelina Abranches, que por sua vez é mãe da D. Aura. D. Berta também é mãe dum filho do sr. Ribeiro Lopes, filho este que na realidade é também neto do sr. Alves da Cunha. Uma trapalhada familiar!

José Alves da Cunha, que é riquíssimo, comprou uma cabeleira postiza, uns bigodes também postiços e a Justiça do sr. Ramada Curto. Tendo-se suscitado um violento conflito entre o José Alves e a D. Berta, por causa da fuga desta, armou-se um sarilho dos d'abos, pelo que a fugitiva enviou o dr. Antonio Sacramento a conferenciar com o sr. Cunha. Os dois não se entendem e o publico, que também não entendeu bem a ferocidade do tirano, viu acabar o primeiro acto ás 10 e tal e entusiasmou-se quando o sr. Alves tratou a sopeira por V. E.ª

## 2.º ACTO

José Alves da Cunha tenta—e consegue—embarrilar o Carlos de Oliveira, que armou em pai daquela cé-gada familiar. A D. Adelina chora por se ter transformado em Judas e afirma que irá até ao Algarve procurar uma figueira para se entorrecar!

D. Berta, para desmentir todos aqueles que dizem ter ela engordado em demasia de há tempos a esta parte, afirma estar magra devido á fome que o sr. Cunha, lhe tem feito passar. O Ribeiro Lopes, que com aquela cara esquelotica armou em D. Juan, promete ir á casa do sr. José Alves e insulta o Carlos de Oliveira que, indignado por não ter culpa de interpretar um papel de juiz, o expulsa de scena, mandando-o recolher ao camarim. D. Berta, irritada com tal attitude, diz que quem manda ali é ela, porque é a empregaria; dá 345 gritos e ia dando cabo do sobretudo sacramental. José Alves, só em scena, senta-se a pensar na sua festa de homenagem e aguarda que o pano caia, o que este faz com grande morosidade.

## 3.º ACTO

A sopeira (quem m'a dera ao meu serviço!) traz a triste noticia de que a tia Adelina Abranches endoidecera em virtude do sr. Sacramento ter apparecido no segundo acto com o cêdron da sua cama transformado em sobretudo. D. Maria Santa Isabel lê o Nada do eminente academico Julio Dantas.

A certa altura discutem acaloradamente o D. Maria Isabel, com aquele mau genio que lho conheço desde a idade dos... seis meses, chama estúpido ao sr. Luís Pinto por este se apresentar em scena como um Pinto... calçado. Luís Pinto protesta indignado e, em resposta a uma frase da Isabelinha, diz-lhe que vá chamar pai a outro!

Entra em scena o cinico (na peça!) do sr. Alves da Cunha, que na véspera tomara a resolução de ir representar *Os Miseráveis* para o alto da Rotunda. Chama besta ao bom do genro e cavalgadura ao sr. Luís Pinto porque este, em aparte, dissera que a casa estava ás moscas. Depois duma conversa muito substancial, chega-se á conclusão de que a D. Berta está ajuizadamente internada numa casa de malucos. No melhor do dialogo, aparece o sr. Carlos de Oliveira, que momentos antes, com a sua esposa e um medico muito conhecido pelas suas aventuras automobilísticas na estrada da Parede, conversava no seu camarim a proposito das aventuras da Maluquiinha da Politecnica, uma interessante senhora que, estando quasi a atingir a idade perigosa do Balzac, foi atacada duma paixão fosforica... com fosforo falsificadissimo. Vem acompanhado do João Calazans que, embora interprete o papel de enfermeiro, vem mesmo com cara de empregado da agencia Magno O Calazans, depois de confirmar a loucura da D. Berta, confessou que ella fugira do manicómio, engulindo os varões da janela e atirando-se dum terceiro andar por meio dum para-quadra. Alves da Cunha, indignado, ameaça o Calazans de lhe não pagar o ordenado deste mês e sai acompanhado dos dois e da gabardine, que está mesmo a pedir reforma. A tia Adelina, cinematograficamente doída, chama malandro ao empregario, que a obrigou a fazer o papel de Judas pela modica quantia de oito mil escudos, afirma querer morrer confortada apenas com um só Sacramento e recita *A Lagrima, do Junqueiro*.

Como o escandalo era enorme, a criadilha vem buscá-la á scena e aconselha-a a ir para casa antes que chova mais. (Nesta altura entrou na sala o sr. Matos...)

Alves da Cunha, que fóra á bilheteira, vem com cara de poucos amigos, ele que os tem ás centenas! Senta-se e, quando se prepara para escrever, descobre que o aparato é do tempo da Maria Cachucha e que o tinteiro está-se nas tintas... a respeito de tinta.

Quando monos esperava, entra a D. Berta que, num gesto irado e não facundo, lhe pergunta pelo filho.

José Alves, que no primeiro momento não se recordava que aquilo era da peça, ficou mais espantado do que se tivesse visto a casa ornamentada... com o seu apelido! Recuperando o sangue-frio, disse que a criança morrera de morte macaca, mas a D. Berta, não acreditando, perguntou se elle estava a chuchar com ella. Obtendo uma resposta negativa, pôs-se positivamente alucinada e, depois de perder quinze minutos á procurar de resolver, apontou a coronha do mesmo e ouviu-se lá dentro um tiro.

Alves da Cunha cai moribundo, não sem afirmar ser uma injustiça representar a *Justiça* numa terra de estúpidos. D. Berta de Bivar, vendo que matara o pai tirano, que no mesmo tempo era seu carinhoso marido, declarou ao publico que estava doída varrida e pediu desculpa do pano levar uma hora a descer...

## Recix.

# !! Não queira ficar assim !!

## USE A VITELINA-VITERI

### TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

### FRASCO 8800

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.ª

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa



# Bric-á-Brac

## Questões d'arte

Vejo, com estupefacção,  
Que hoje voltou novamente  
A' tela da discussão  
Aquela antiga questão  
Das taboas de S. Vicente.

Com bem negras cores nos pintam  
Aquela assunto sodico;  
E embora os mestres consentam  
Que uns aos outros se desmintam,  
Estou-me nas tintas p'ra isso!

Mas pelo que se escreveu  
Sobre as taboas em questão,  
O director do Museu  
Parece-me que perdeu  
As taboas de salvação.

Não finda a questão tão cedo;  
Mas, quando chegue a seu cabo,  
Pressinto, com certo medo,  
Que o José de Figueiredo  
Leva co'as taboas no rabo...

## O Senhor da Serra

Afonso Costa, raivoso,  
Praguejando, bufa e berra,  
Vendo em espirito, furioso,  
Que o povo religioso  
Procura o Senhor da Serra.

Vê que não ha procições  
Que o procurem no seu ermo,  
Falhando-lhe as previsões  
De pôr á Igreja um termo  
Nestas duas gerações.

Ao vêr que toda a cidade  
Procura o Senhor da Serra,  
Sente, na dôr que o invade,  
Como um ospinho que se ferra  
Na sua imensa vaidade.

Não dá autorização  
P'ra outro Senhor na terra;  
Pois pela legislação  
Da lei da separação,  
E' ele o Senhor da Serra!

Seu ai atrôa os espaços  
Polas furia com que berra;  
Pois tem de se vêr a braços,  
Além do Senhor da Serra,  
Co'o novo senhor... dos Passos!...

## João Fernandes.



— Esta é boa! Então eu com o meu  
co e sem casaco peso sempre o meu?



# Azas de tela ou azas de pau

A volta do *Miss Columbia* para a America e a associação Levine-Drouhin estão constituindo a mais picareca historia de aviação, de Icaro para cá...

Eis os factos, apresentados duma forma absolutamente imparcial e numa ordem aproximadamente cronologica...

Ha algumas semanas, um tal senhor Levine, exercendo na America a profissão de advogado e sendo multimilionario, embarcou para a Europa, em companhia do piloto Chamberlain, a bordo dum avião que mandara construir.

Levine fez isto de improviso, sem sequer advertir sua esposa—circun-

singularmente dissimulado e que foi severamente apreciada por todas as senhoras casadas do mundo inteiro.

Sejamos justos e digamos que a esta tentativa foi, apesar de tudo, coroada dum certo exito.

E dizemos um certo exito porque, tendo atravessado o Atlantico, Levine e Chamberlain não aterraram em Paris como Lindbergh, nem mesmo no mar, como o comandante Byrd.

Chamberlain e Levine foram aterrados na Alemanha, o que já não é tão bonito...

Após alguns dias de descanso, o piloto Chamberlain resolveu voltar para casa pelas vias mais rapidas—que é como quem diz: pelo paquete.

Levine, muito menos apressado, annunciou a sua intenção de regressar aos Estados Unidos no mesmo avião e com o concurso dum piloto francês.

Ora Drouhin ha oito meses que andava terminando, por conta da casa «Farman», a *misc-au-point* dum tractor agricola chamado *Oiseau Bleu*, com que os constructores contavam realizar a travessia submarina do Atlantico.

Levine mostrou a Drouhin um contrato em dollars e o piloto francês deixou cair prematuramente o *Oiseau Bleu*, para se tornar o piloto oficial do *Miss Columbia*.

Dezta operação resultou um maná para os jornalistas e para as agencias telegraficas—sob a forma de acontecimentos sensacionais e diarios...

Destes acontecimentos reproduziremos apenas os titulos, numa ordem cada vez mais cronologica:

1.º—Levine recusa-se a assinar o contrato projectado entre ele e Drouhin. Este intenta-lhe um processo.

2.º—Levine assina o contrato, mas anuncia a sua intenção de não lhe ligar nenhuma... Drouhin manda-lhe uma data de papel selado.

3.º—Levine declara-se pronto a partir. Parte realmente para Inglaterra, a bordo dum avião britânico. Drouhin faz intervir a justiça.

4.º—Levine tenta capturar o *Miss Columbia*. Drouhin responde com um arresto.

5.º—Drouhin, tendo por segun-

do o mecanico Mathis, faz um «round» de «box» com o seu comanditario. E' resolvido instalar um «ring» a bordo do *Miss Columbia*.

6.º—Levine tira o motor do *Miss Columbia*. Drouhin envia-lhe um advogado.

7.º—Levine tira a helice do *Miss Columbia*. Drouhin apresenta uma queixa á policia.

8.º—Levine declara-se pronto a partir. Tira os reservatorios de gasolina do *Miss Columbia*. Drouhin leva a questão para os tribunais.

9.º—Só restam, do *Miss Columbia*, o trem de aterragem e o leme de profundidade.

Etc., etc., etc.

A verdade é que Levine não quer voltar ao seu país, nem de avião nem de maneira nenhuma...

E—com tranquezal—põnha-se o leitor no lugar dele!

Imagine que é casado—se o não é,

de facto...—e que uma bela manhã abandonou o domicilio conjugal, sem dizer agua-vai, para correr aventuras.

Suponha, além disso, que a esposa legitimamente irritada é americana e, como tal, *sportscoman*, e está em casa, á sua espera, com um ferro da cama, novo, de quatro polegadas e muito pintadinho a *Ripolin*...

E diga-nos se terá pressa de voltar para casa...

O grande campeão espanhol de box, Paolino, acabou finalmente por demonstrar aos americanos e ao mundo inteiro a sua sciencia pugilistica.

Oposto ao americano Delaney, conseguiu o *tour de force* de não atingir o seu adversario de uma unica vez durante todo o combate, e de *caçar*, sem postanejar, todos os sócos que Delaney lhe administrou.

Julgando a demonstração mais do que sufficiente, o arbitro forçou o campeão vascongo a abandonar, privando-o assim duma victoria certa. Mas... com aqueles americanos não he, decididamente, nada a fazer...

Um jornal espanhol apresenta este angustiante problema:

«—Irá esta derrota retardar a ascensão de Paolino para o campeonato do mundo?»

Ora essa! Mas que ideia!

Todo o Universo está de acôrdo em que aquelle combate admiravel e unico nos annos pugilisticos, em que Paolino foi batido por um *meio-pegado*, só veio acelerar a sua marcha triunfante para o titulo mundial de todas as categorias!!!

Tendo alguns jornais americanos publicado uma informação, segundo a qual um grande empresario teria oferecido ao celebre tennista Tilden um salario anual de 25.000 *dollars*, o grande jogador declarou que a noticia não tinha fundamento.

E acrescentou que continuaria, como até aqui, a defender valentemente a bandeira do amadorismo... a não ser que dobrem a oferta e lh'a entreguem adiantada...

## Rebola-A-Bola.

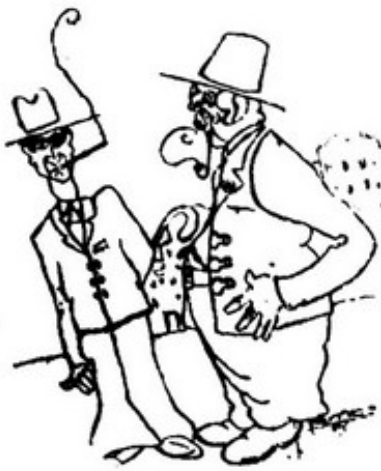


—Eu sei muito dos pés. E o senhor?...

## Palma de Vilhena e Albino Abranches



E o nosso Palma no seu magnifico Jean Grás a todos leva a palma, pois não corre—vôa...



—Que foi isso, homem?  
—E' o resultado de levar a minha mulher ás touradas.

# INQUERITO A FORÇA ARMADA



— Você animal o que é?  
 — É cá, mê superior, ê cá sou Manel...



— Então você deu vivas à Constituição?  
 — Oh, mê sargento, eu nê se quer conheço essa melher.



— Vê lá se vens bem arranjada porque o fotografo vê-te de pernas para o ar.



— Você, com aquele relógio e essa cabeleira, está arriscado a que o dr. João Eloi o mande para o Limoeiro.



— Tenho de fazer um manifesto esquerdista e não sei como ha de ser.  
 — Ora, escreve o com a mão esquerda.



— Que aparelho é esse?  
 — Uma maquina de calcular.  
 — Ah! então calcule lá o que me aconteceu hoje.